

Ernesto d'Andrade

CLUL / FLUL

M. Céu Viana

CLUL

### Sinérese, diérese e estrutura silábica<sup>1</sup>

Qualquer sequência glide-vogal ou vogal-glide é tradicionalmente designada como *ditongo*. É usual distinguir, no entanto, os ditongos em que o segundo elemento é um glide (ditongos decrescentes) daqueles em que a ordem é inversa (ditongos crescentes). Diz-se que os primeiros são verdadeiros uma vez que apresentam realizações estáveis e os segundos não, uma vez que podem quase sempre ser pronunciados em hiato:

(1)	DECRESCENTES	CRESCENTES
1	<i>pai</i>	<i>qual</i>
2	<i>baurlarino</i>	<i>linguiça</i>
3	<i>leu</i>	<i>frequência</i>
4	<i>endeusar</i>	<i>igual</i>
5	<i>foi</i>	<i>quando</i>
6	<i>bóina</i>	<i>lingueta</i>
7	<i>mau</i>	<i>tranquilo</i>
8	<i>partiu</i>	
9	<i>cuidado</i>	<i>quiabo</i>
10	<i>fogão</i>	<i>peada</i>
11	<i>refém</i>	<i>piada</i>
12	<i>põe</i>	
13	<i>homem</i>	<i>mário</i>
14	<i>órfão</i>	<i>régua</i>
15	<i>relações</i>	
16	<i>leira</i>	<i>contíguo</i>
17	<i>caixa</i>	<i>têngu</i>
18	<i>faróis</i>	
19	<i>tiç</i>	
20	<i>rio (pres)</i>	
21	<i>riu (passado)</i>	
22	<i>assobio</i>	

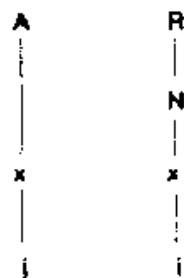
---

<sup>1</sup> Este estudo foi em parte realizado no âmbito do Projecto I.RE 61004: ONOMASTICA.

Relativamente aos ditongos crescentes (sequências GV), o aspecto mais interessante é saber que lugar ocupam os seus elementos na estrutura da sílaba e a quantas posições métricas eles correspondem. Que V está no Núcleo parece indubitável. Mas G? Estará no Núcleo ou no Ataque? Quer esteja no Núcleo quer no Ataque corresponderá a uma posição métrica? A resposta a estas questões não é condicionada pela GU mas é antes parametrizada para cada língua. É impossível decidir foneticamente se um G está no Ataque ou no Núcleo de uma sílaba. Só o seu comportamento linguístico permite determiná-lo.

Por exemplo, em walmatjari, por regra, todas as palavras começam por uma consoante. Há, contudo, algumas palavras que começam com *i* e com *u* longos. Se entendermos que, fonologicamente, elas começam com /j/ e /w/ podemos afirmar que todas as palavras desta língua têm obrigatoriamente uma primeira sílaba com um ataque preenchido, isto é, todas as palavras começam com uma consoante. Isto significa que o /j/ e o /w/ correspondem a uma posição e estão ligadas ao Ataque.

(2)



Em eslovaco, de acordo com Rubach (1993), o glide [j] resulta do corte do nó do Núcleo, o que é efectuado por regras de formação de glides. (lembrando que a única diferença entre *i* e *j* é o lugar que ocupam na estrutura da sílaba: o *i* está no Núcleo enquanto que *j* está quer no Ataque quer na Coda).

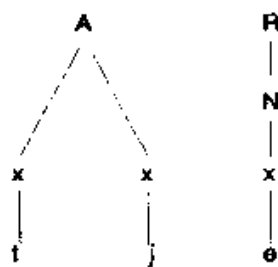


casos, estamos em presença de um ditongo leve e, por isso, a semi-vogal depende do núcleo sem ter uma posição única no esqueleto.

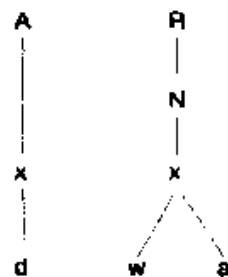
Encrevé (1988:192), a propósito da representação de *interprétation*, considera que [j̃] corresponde a uma única posição no esqueleto. Contudo, na mesma página, admite que "não se pode ligar [j] e [̃] a N pela mesma posição do esqueleto mas cada um deve ter a sua posição própria". Com base no argumento que utilizaremos para o português, podemos afirmar que esta segunda interpretação, com as duas posições ligadas ao núcleo continua a não ser adequada, uma vez que o autossegmento nasal ao projectar-se no núcleo, tal como em português, nasalizaria também o [j].

Segundo Charette, as representações propostas para a sílaba *tiè* de *cimetière* e para *doit* são as dadas em (5) e (6), respectivamente.

(5)



(6)



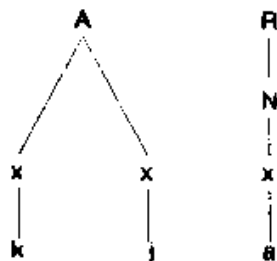
Bisol (1989) considera que, em português, foneticamente, em certas sequências GV o G se encontra no Núcleo, correspondendo a uma posição, e noutras o G pertence ao Ataque. Por exemplo, em *piada* a sequência GV tem a representação de (7)

(7)



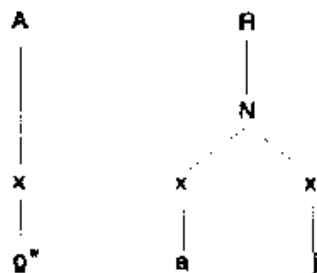
enquanto que em *quiabo*, a representação será a de (8)

(8)



e em *Paraguai* a de (9)

(9)



Ainda, segundo esta autora, uma forma como *criou* não pode ter a representação de (10) porque "o esquema silábico do português não permite três consoantes juntas".

(10)



Contudo, ela não ultrapassa o número de 5 elementos autorizado. Neste caso, a representação seria

(11)



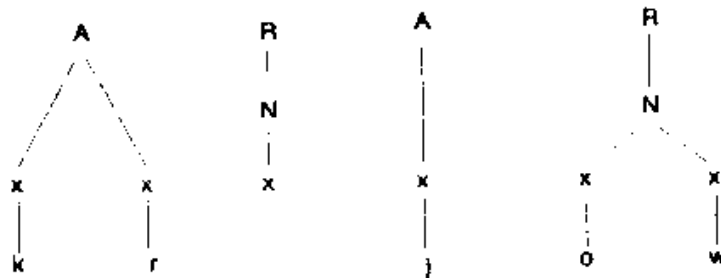
como *leão* é

(12)



Mais do que Cs e Vs parece-nos que se trata de posições métricas e que, se é verdade que a nível fonológico não há três consoantes no Ataque, nada impede que o Ataque tenha três posições se a última não corresponder a uma consoante. E se se dissesse que a representação de *criou* é (13),

(13)



em que o [j] está no Ataque e a sílaba anterior ficou com o Núcleo vazio?

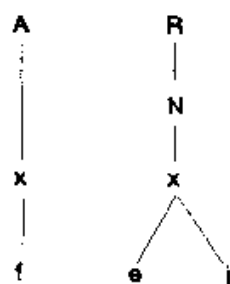
Uma razão suficiente para que numa sequência CiV o G não possa estar associado ao mesmo constituinte silábico que a V, como em (7), é o facto de a V poder ser nasalizada sem que o G o seja, como seria o caso de *leão*. Isto provém do facto de o autosseguimento nasal se projectar sobre o Núcleo. O que significa que se o G também estivesse no Núcleo ele seria obrigatoriamente nasal, como é o caso em todas as sequências VG. Por outro lado,

se a nasalidade se projectasse na rima, tanto se realizaria como nasal o [w] de *leão* como o -s de *fins*.

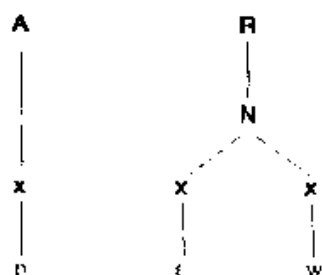
Por isso podemos afirmar, como Bisol (1989:221), que as sequências GV não existem a nível fonológico em português. A existência do G é devida quer a um processo de ressilabificação quer à articulação secundária de certos /k/s e /g/s. Por outro lado, elas não fazem parte do mesmo constituinte silábico porque quando temos duas Vs elas pertencem a duas sílabas diferentes, a dois Núcleos diferentes, e quando temos GV, a V ocupa uma posição do esqueleto associada ao Núcleo e o G está associado a uma posição ligada ao Ataque.

Bisol (1989:190) considera que, em português, os ditongos que alternam com uma vogal são ditongos leves, isto é, que correspondem a uma única posição no esqueleto (*f[ej]ra* / *f[e]ra*). Segundo esta autora, só os ditongos sem alternância (ditongos pesados ou verdadeiros) correspondem a duas posições (*céu*, *puu*). Deste modo, palavras como *feira* têm a sua primeira sílaba representada como (14) e como *chapéu* a segunda representada como (15).

(14)



(15)



Repare-se, no entanto, que a alternância a que a autora se refere corresponde a uma variação social e estilística. Ora, até agora, e para as mais diversas línguas, a alternância vogal / ditongo leve sempre esteve associada à distinção tônico / átono. (cf. francês: *vair* / *verrons*; espanhol: *juego* / *jugar*; português: *feira* / *feirante*). Este tipo de alternância só existe em português de modo esporádico e irregular em formas como *passajo* / *passaear*, *negocio* / *negociar*, *ansajo* / *ansiar*, *ansiedade*, *ceio* / *cear* ou *areja* / *areal*. Para além disso, foneticamente, a alternância não se verifica entre VG e V mas entre VG e G.

Parece-nos problemático considerar que o ditongo de *peixe*, *feira* ou *caixa* corresponda a uma posição mas que o de *reino*, *feito* ou *lúivo* corresponda a duas. Consideramos, antes, estar perante um fenómeno regular e partilhado por muitos dialectos do português que consiste em o [j], oral ou nasal, poder ser absorvido pela consoante palatal seguinte, independentemente da qualidade da vogal anterior e eliminado no ditongo [ej] (ou [uj]) antes de [r]. (*feira* [fê]ra, *pais* p[á]s, *dois* d[ó]s, *relações* relaç[ô]s. Em dialectos socialmente marcados, os ditongos nasais átonos podem desaparecer ou ser reduzidos a uma vogal oral: (*homem* [õm] / [õmi], *lavagem*, [leváz] / [levázi], *órfão* [õrfu]). Note-se que antes de consoante palatal há também muitos casos de inserção de [j] (*graj*xa, *caranguej*jo, *igrej*ja).<sup>2</sup>

É preciso lembrar que nem todos os ditongos decrescentes são verdadeiros ditongos; alguns, tal como os crescentes, resultam da simplificação de duas sílabas. (Cf. *falai*, *falei*). Quando a vogal tónica é um [i], seguido de uma vogal arredondada observam-se variações dialectais. (Cf. *tio*, [ti.u] / [tiw], *frio*, [fri.u] / [friw], etc..

Palavras como *enxaguar* e *desaguar* têm o acento na mesma sílaba em Portugal e no Brasil. Acontece que nas formas flexionadas o acento nem sempre coincide. *Desagua*, em Portugal, e *Deságua*, no Brasil. *Enxagua*, em Portugal (mas não se esqueça *enxóga*), *enxágua*, no

---

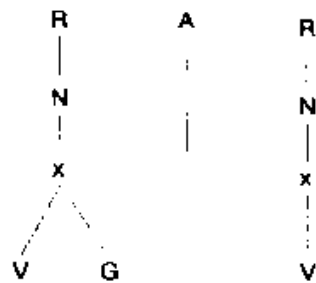
<sup>2</sup> Sem esquecer que [káse] pode ser *caixa* e *cacha* mas [kájse] só pode ser *caixa*, assim como [bléze] pode ser *beleza* ou *blesa* e [boléze] só pode ser *beleza*.



Brasil. Será *gua*, *gwa*, ou *g<sup>w</sup>a*? Casos como *divórcio* / *divoreio*, (*água* / *desagua*?) deixam entender que o /i/ ou o /u/ são cavas lexicais nos nomes. Porque os /k/s e os /g/s são labializados, nos raros casos em que o [w] é um /u/, o /u/ é analisado como sendo uma labialização. Outra possível explicação consiste em ver na vogal o resultado de um processo de vocalização que, sendo excepcional, não é aplicado no português popular nem no brasileiro culto.

Os casos de VGV podem ser interpretados como V-GV e como VG-V. Em castelhano, francês, italiano, por exemplo, esta sequência é, em geral, interpretada como sendo V-GV. Em português, a tradição impõe que a sequência VGV corresponda a VG-V. Isto é, o português teria representações do tipo (16) e as outras línguas de tipo (17).

(16)

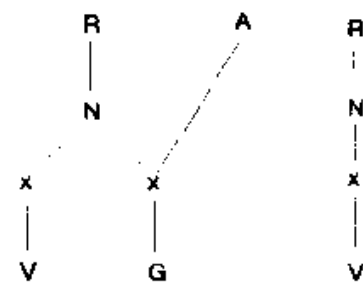


(17)

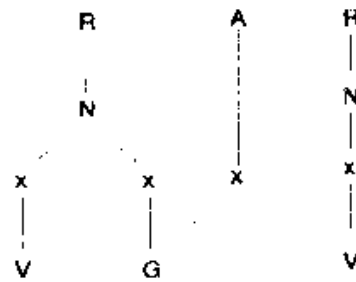


Em nossa opinião, a representação adequada das sequências VGV é, mais do que (16), (18), ou até (19).

(18)

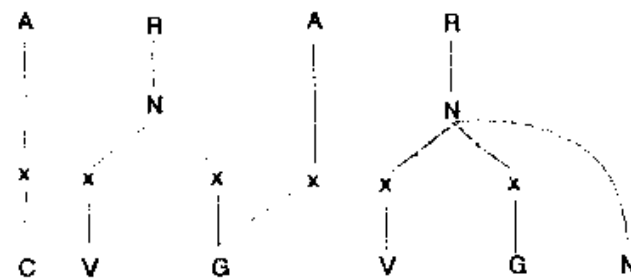


(19)

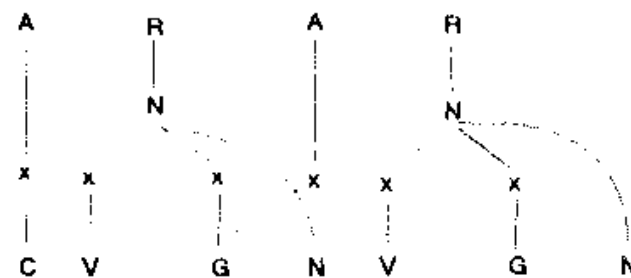


Em qualquer dos casos, o que está em causa é a ambissilabidade do G, som de transição entre as duas Vs que funciona como elemento do Núcleo da primeira sílaba e como Ataque da segunda. Esta interpretação é compatível com o facto da sequência VGV poder ter a segunda V nasal. Por exemplo, *veem* e *vêm*, que têm, foneticamente, a sequência VGVG, diferem na nasalidade da sub-sequência inicial VG. Como as suas representações são (20) e (21), respectivamente, há duas razões para que o primeiro G de *veem*, (20), não seja nasal: primeiramente, porque está associado a um Núcleo sobre o qual a nasalidade não se difunde; em segundo lugar porque a nasalidade, ao projectar-se no Núcleo seguinte, não o pode abranger, visto ele ocupar a posição de Ataque.

(20)



(21)



Depois de termos falado de ditongos crescentes e decrescentes, ou melhor, de seqüências GV e de seqüências VG resta-nos fazer algumas observações de ordem estatística sobre a estrutura da sílaba em português.

Os dados são tirados do corpus PF\_FON, referido em Viana, Andrade, Oliveira e Trancoso (1992). As sílabas não são estritamente fonéticas porque contêm a possível V inicial em palavras como "esperar" ou "esbirro" nem estritamente fonológicas porque contêm seqüências VG que não são ditongos fonológicos em palavras como "falai" ou "batei".

As figuras 1 e 2 correspondem às percentagens de ocorrência dos diferentes tipos de sílaba. A figura 1 apresenta-as em termos absolutos e na figura 2 é tida em conta a frequência de ocorrência no corpus. Os valores de (22) e (23) correspondem aos das figuras 1 e 2, respectivamente. As seqüências CGV que aí aparecem são seqüências em que obrigatoriamente o G corresponde a [w] e o C a [k] ou [g], isto é, a consoantes labializadas. Note-se que só os últimos quatro tipos de sílabas representam cerca de 90% da totalidade de ocorrências e que as sílabas de tipo CV são de longe as mais frequentes.

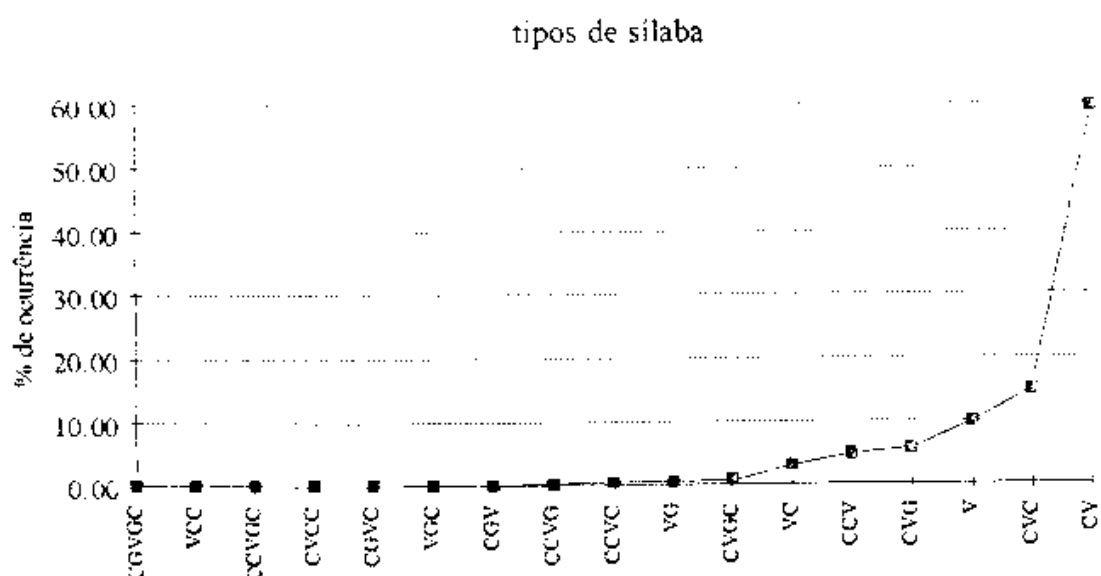


Figura 1

(22)

CGVGC	0.00	CGV	0.15	CCV	4.79
VCC	0.02	CCVG	0.20	CVG	5.56
CCVGC	0.02	CCVC	0.51	V	9.93
CVCC	0.04	VG	0.54	CVC	14.91
CVVC	0.08	CVGC	0.71	CV	59.49
VGC	0.10	VC	2.95	tot	100.00

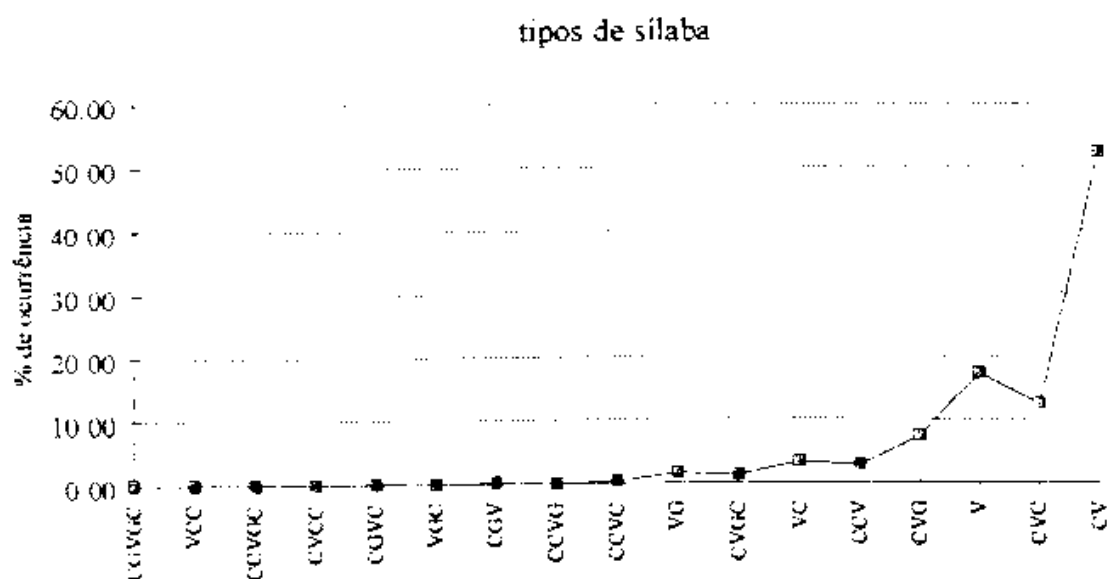


Figura 2

(23)					
CGVGC	0.01	CGV	0.31	CCV	2.94
VCC	0.00	CCVG	0.10	CVG	7.54
CCVGC	0.01	CCVC	0.39	V	17.32
CVCC	0.01	VG	1.66	CVC	12.39
CGVC	0.14	CVGC	1.31	CV	52.36
VGC	0.07	VC	3.44	tot	100.00

## BIBLIOGRAFIA

- Bisol, L. (1989) "O ditongo na perspectiva da fonologia atual". *Delta*, S(2): 185-224.
- Bisol, L. (1992) "Sândi vocálico externo" In R. Ilari (Org) *Gramática do Português Falado, vol II, Níveis de Análise Linguística*. Ed. Unicamp, Campinas, pp.21-38.
- Charette, M.(1991) - *Conditions on Phonological Government*. Cambridge University Press. Cambridge.
- Clark, J. e C. Yallop (1990) - *An Introduction to Phonetics and Phonology*. Blackwell, Oxford.
- Encrevé, P. (1988) *La Liaison avec et sans Enchaînement*. Ed. du Seuil, Paris
- Rubach, J. (1993) *The Lexical Phonology of Slovak*. Oxford University Press, Oxford.
- Viana, M.C., E. Andrade, L. Oliveira, I.Trancoso (1992) - Uma questão de equilíbrio". *Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, 1993, pp.523-34.